

Luiz Gama, homem de imprensa

Gustavo Bicalho



Por muito tempo, as pesquisas sobre a vida e obra de Luiz Gama (1830-1882), único escritor e intelectual negro brasileiro a ter sofrido a escravidão, tiveram como principal fonte a carta escrita ao jovem amigo e escritor Lúcio de Mendonça, no ano de 1880 e o artigo que dela derivou, em 1881. A presença contemporânea de Luiz Gama no panteão público de grandes personagens afro-brasileiros da história do Brasil como, entre outros, “patrono da abolição”¹ deve-se, em grande parte, a divulgação do impressionante e excepcional relato presente na carta e a um longo trabalho coletivo de resgate e resistência cultural que envolve desde pesquisadores, militantes, escritores e agentes culturais diversos.

Tamanha ênfase, no entanto, na imagem e na trajetória biográfica de Luiz Gama reveladas pela carta falhou em nos oferecer o contato direto e necessário com o pensamento, o talento literário e retórico, a visão de

mundo, enfim, a voz de um indivíduo que viveu, observou e se relacionou com seu tempo e contexto sobretudo pela via da linguagem. Débito típico de um país que pouco se dispõe a escutar os ecos da própria história.

Atenta há mais de vinte anos a essa grave lacuna, a professora e pesquisadora Dra. Lígia Fonseca Ferreira, vem realizando um trabalho consistente de pesquisa e resgate dos textos do autor das *Primeiras Trovas Burlescas* (1859), livro de entrada de Luiz Gama no mundo das letras reeditado pela pesquisadora em 2001. Seus trabalhos têm cuidadosamente resgatado dos nem sempre acessíveis e por vezes perecíveis arquivos nacionais os textos escritos por nosso primeiro “autor negro” e, também, um dos pioneiros da imprensa no Brasil. Esse último aspecto de Gama, ocupa o cerne do mais recente livro de Lígia Ferreira, *Lições de Resistência - artigos de Luiz Gama na imprensa de São Paulo e do Rio de Janeiro* (2020).

Os que tiveram a sorte de conhecer seu volume anterior *Com a palavra Luiz Gama* (2011) já se surpreendiam com “a pena audaz” do jornalista que, nos doze artigos reunidos pela antologia, desafiava juízes e políticos de alto escalão -- como o conselheiro Nabuco de Araújo, pai de Joaquim Nabuco e uma das mais poderosas lideranças da ala conservadora do império --, em seu flagrante desrespeito às leis e

¹ A Lei 13.629, publicada em 13 de abril de 2016, declara o advogado Luiz Gama “patrono da abolição da escravidão do Brasil”. Pela lei 13.628, do mesmo ano, Gama foi inscrito no Livro dos Heróis da Pátria

aos valores éticos e morais que juravam defender no exercício da função pública. Agora, com os 61 artigos integrais publicados em *Lições de Resistência*, dos quais 42 inéditos, publicados no entre São Paulo e o Rio de Janeiro entre 1864 e 1882, as surpresas se multiplicam aos montes com a prolificidade escrita de um Luiz Gama que, para além da militância abolicionista, se consolidava e se fazia respeitar como homem de letras na imprensa. É a primeira vez que temos contato com a grande maioria dos textos jornalísticos de Luiz Gama na íntegra, fato pouco condizente com o poder de influência e o significado histórico desses textos, que articulam de maneira ímpar a verve testemunhal do cidadão negro, ex-escravizado, à profunda análise política, jurídica e filosófica de seu tempo. Tudo isso em uma sociedade sombreada pelo racismo científico e pelo desobedecimento sistêmico às já frouxas leis que regulavam a escravidão.

Dentre tais leis, sua favorita era a de 7 de novembro de 1831, que determinava livres todos os escravos que adentrassem os portos brasileiros vindos do exterior e criminalizava seus detentores e proprietários como sequestradores. Apoiado nessa e em outras leis do país, com profundo conhecimento dos autos, das jurisdições e dos fundamentos filosóficos transnacionais do direito brasileiro, Luiz Gama, “de pena em punho”, lançava uma a uma ao chão a reputação de seus adversários, a quem emprestava o título preciso de “salteadores da liberdade”.

Nem só de retórica jurídica, porém, se fazem as “lições de resistência” presentes no livro. A leitura dos “novos” textos nos revelam que Luiz Gama não se restringiu ao uso instrumental da página dos jornais. Deixou-nos, em seus variados escritos, um pensamento de país e uma escrita de liberdade, articulados, aliás com alguns dos principais pensadores progressistas de seu tempo, como os franceses Ernest Renan e Édouard de Laboulaye. Os inéditos nos mostram, ainda, que, como todo grande escritor, Gama foi um grande leitor e soube trazer para o interior de sua escrita ensaística o diálogo fecundo com a literatura clássica, assim como a de autores contemporâneos seus, com os quais compartilhou laços de amizade, parceria político-ideológica e mútua admiração.

É este outro trunfo essencial do livro de Ferreira, aliás. Os conhecidos laços de amizade e as redes de sociabilidade estabelecidas por Gama ganham novos elementos que revelam não só a progressiva conquista de autonomia do ex-escravizado, mas sobretudo seu protagonismo nas mais diversas frentes políticas e culturais de que participou em vida. A atuação fundamental no interior do Club Radical Paulistano, na maçonaria abolicionista e filantrópica representada pela Casa América e na editoração e redação de diversos periódicos, entre outros, coloca Gama no cerne da vida política de São Paulo e em articulação direta com as principais frentes republicanas e abolicionistas do Rio de Janeiro, capital do Império.

Para contextualizar essa dinâmica de laços, diálogos e co-influências, Lígia Fonseca Ferreira nos oferece um para-texto consistente, composto por extensa introdução, uma cronologia temática que se estende de 1822 até os dias de hoje, uma bibliografia fundamental sobre o autor, um apêndice com quatro cartas escritas por Luiz Gama e o famoso artigo biográfico escrito por Lúcio de Mendonça, além do corpo robusto de 265 notas descritivas e explicativas que “escoltam”² o texto documental. Em *Lições de Resistência*, o leitor é apresentado, portanto, com o conteúdo de dois livros em um só: no centro, a reunião de documentos históricos, contendo os textos de Luiz Gama na imprensa, carregada de ineditismo e capaz de nos colocar em contato direto com a

² Lígia Fonseca Ferreira apropria-se do método utilizado por Colette Becker em sua edição da correspondência de Émile Zola, em que as notas da organizadora cumprem o papel de “discurso de escolta” ao documento epistolar.

voz de um raro escritor, que experimentou e combateu a escravidão brasileira de dentro para fora; ao redor e por todo lado, os comentários críticos de uma pesquisadora incansável, atenta às relações complexas entre passado e presente legíveis nos textos do autor.

Como homem de imprensa, Luiz Gama mostra-se um arguto observador dos acontecimentos contemporâneos. “De pena em punho”, jamais deixava passar em branco os atos de injustiça e violência contra negros, pobres, imigrantes e desvalidos de que tomava conhecimento. Lidos com o cuidado que merecem hoje, os textos de Luiz Gama nos oferecem ferramentas essenciais para o enfrentamento do racismo sistêmico e estrutural, do “memoricídio”, do ódio racial e das profundas desigualdades que recheiam as páginas dos noticiários atuais.

Referências:

FERREIRA, Lígia Fonseca. *Lições de resistência*: artigos de Luiz Gama na imprensa de São Paulo e do Rio de Janeiro. Organização, introdução e notas de Lígia Fonseca Ferreira. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2020.

_____. (Org). *Com a palavra, Luiz Gama* : poemas, artigos, cartas, máximas. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2011.

GAMA, Luiz. *Primeiras Trovas Burlescas*. Edição preparada por Lígia F. Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 2000.